

EUGÉNIO DE CASTRO

ENTRE LITERATURA E CIÊNCIA

Orientalismo como colaboração

Marta PACHECO PINTO

ABSTRACT • Eugénio de Castro between Literature and Science: Orientalism as Collaboration.

The paper offers a case study of the fin-de-siècle works of Portuguese poet Eugénio de Castro (1869-1944) as illustrative of the aestheticization of scholarly/scientific knowledge about the East. This study is thus based on two premises: literary orientalism as a western discourse that feeds on a shared imaginary about the East, and scholarly/scientific orientalism as a specialized field of production, circulation and reception of knowledge (i.e. oriental studies). Based on Castro's case study, I put forward the hypothesis of an interaction between the fields of literary production and scholarly/scientific orientalism under the framing concept of *arrière-texte* (Gladieu, Pottier and Trouvé 2013). In order to explore how Castro's oeuvre may have been informed and shaped particularly by the work of Portuguese orientalists, without however disregarding his privileged connections to French orientalism, I propose a formal approach through the analysis of networks of collaboration. After briefly discussing the presence of the East in Castro's fin-de-siècle work, I highlight the role played by the Curso Superior de Letras, a Lisbon-based school for higher education, in the poet's orientalist training (1885-1889). This institutional setting enabled him to establish interpersonal networks, namely with Guilherme de Vasconcelos Abreu and Consiglieri Pedroso. These networks will be complemented with the analysis of plausible and (in)formal relationships, in particular with Francisco Maria Esteves Pereira, specialist in Ethiopian studies, as well as with the intellectuals Teófilo Braga and Joaquim Mendes dos Remedios. The purpose is to unveil the agencies, either manifest or latent, contributing to the poet's creative process and who are part of his orientalist *arrière-texte*. Ultimately, this case study will show that orientalism is a collaborative system of knowledge production, circulation and reception between scientific institutions and the literary sphere.

KEYWORDS • *arrière-texte*; literary orientalism; scholarly/scientific orientalism; networks of collaboration; fin-de-siècle Portugal.

Introdução

O ato de criação – no caso em estudo, cultural ou científica – não emerge no vazio, da mesma forma que o ato de leitura gera, por parte de quem recebe o objeto criado, associações, interpretações e questionamentos vários espoletados por experiências anteriores, tanto de leitura como de diversa natureza empírica (dialógica, acústica, visual, tátil, etc.). Todavia, as experiências e respectivas memórias que moldam o ato de criação nem sempre deixam vestígios na superfície textual que permitam relacioná-las com esse ato, podendo antes existir em estado de latência. É no âmbito da latência que se situa o *arrière-texte*, conforme argumentam Marie-Madeleine Gladieu, Jean-Michel Pottier e Alain Trouvé (2013), ao conotá-lo com “pressupostos culturais (que enformam

frequentemente o nosso discurso sem nos apercebermos disso)”, com o “escoramento numa vivência (do autor ou do leitor) de que não subsiste senão o rasto”, podendo “desdobrar[-se] numa forma autoral, conjecturada pelo leitor, e numa forma leitoral submetida à demanda de novos leitores, num processo de geração contínua” (2016: 19)¹.

O presente trabalho assume como ponto de partida a perspetiva conjecturada pelo leitor – e reforçada pela sua “criatividade interpretativa” (Gladieu, Pottier e Trouvé 2016: 148) – enquanto proposta de leitura da estética orientalista patente na obra finissecular de Eugénio de Castro (1869-1944). Isto é, uma proposta de leitura dessa obra enquanto incorporação de saberes produzidos e autorizados sobre os lugares reais que subjazem ao mito do Oriente no imaginário literário. É no âmbito dos estudos orientais, dominados até meados do século XIX por uma forte orientação filológica, que se enquadram os saberes aqui visados, em particular os fomentados, em contexto de instituição de ensino e/ou científica, por uma intelectualidade portuguesa.

Note-se que a leitura aqui conjecturada é orientada desde logo pela ideia de um quadro de labor mental moldado por conexões de natureza orientalista. O estudo que se apresenta, e que toma como fulcro da análise alguma da obra de Eugénio de Castro, não foi originalmente concebido a partir da discussão dessa obra, mas antes da dos percursos biobibliográficos dos orientalistas portugueses estudados no projeto *Textos e Contextos do Orientalismo Português: Congressos Internacionais de Orientalistas (1873-1973)*². Foram os orientalistas que adiante se convocam que me conduziram a Castro e a equacioná-los como parte do *arrière-texte* do escritor, o que explica também a estrutura do artigo. Após uma breve análise dos conceitos de *arrière-texte* e orientalismo, mostrando a mais-valia do primeiro para a discussão do segundo, introduzir-se-á a *corpus* de análise para, de seguida, destacar duas instâncias formadoras da inspiração orientalista de Eugénio de Castro: a sua passagem pelo Curso Superior de Letras, espaço formal de assimilação de saberes científicos, e redes de comunicação interpessoal, resultantes da mobilidade do poeta.

Estando as afinidades de Eugénio de Castro com a cultura e a modernidade franco-belgas, de cujo simbolismo foi herdeiro, e com a intelectualidade tanto europeia como internacional bem documentadas e estudadas³, o foco do presente trabalho recai sobre as suas ligações à escala nacional e, por isso, está ancorado numa abordagem formal de catalogação de relações (sincrónicas). Sem descurar, porém, o contacto privilegiado de Castro com as produções do orientalismo francês, sobretudo as que lhe chegaram por via indireta através dos autores que o inspiraram⁴, é meu propósito identificar as redes de colaboração nacionais, tanto formais como informais, que Castro estabeleceu ou terá plausivelmente estabelecido no período finissecular e que, não sendo explicitadas na obra que publicou nem podendo, por vezes, ser expandidas a partir do epistolário existente,

¹ Agradeço a Maria de Jesus Cabral a sugestão de leitura desta obra e a oferta de um exemplar da tradução portuguesa, que aqui se segue.

² Desenvolvido no Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, este projeto foi financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia entre 2016 e 2019 no âmbito do Projeto 3599 – Promover a Produção Científica, o Desenvolvimento Tecnológico e a Inovação – Não Cofinanciada (PTDC/CPC-CMP/0398/2014).

³ Ver, a este propósito, os trabalhos de Seabra Pereira (1975; 1995), Maria de Jesus Cabral (por exemplo, 2010; 2019), Rita Marnoto (2009), Matteo Rei (2016; 2017), Bruno Matangrano (2019), Eloísa Álvarez e Antonio Saéz Delgado (2006) ou Miguel Filipe Mochila ([2021]).

⁴ Sobre as incursões orientais, em particular no âmbito do japonismo, de Stéphane Mallarmé (1842-1898), que influenciou profundamente Castro e com quem ele se correspondeu, leia-se Genova (2016: 175-216).

podem, contudo, ter contribuído para o processo criativo e para a construção do imaginário oriental(ista) do poeta simbolista.

1. *Arrière-texte* e orientalismo

O conceito de *arrière-texte* é, como reconhecem os tradutores para português da monografia que o historia e recupera como abordagem interdisciplinar para repensar o universo literário, “de difícil tradução” por nele

conflu[ir]em leituras passadas, já profundamente enraizadas e por isso dificilmente localizáveis no tempo e no espaço, experiências de vida, pressupostos culturais, de onde resulta um texto *latente* que se vai enriquecendo tal palimpsesto dinâmico, poroso, ao ponto de se constituir como um saber/texto que identifica o processo de criatividade, mas também a *atividade* de leitura, como atividade secundária, verificável através da produção verbal, autónoma, do leitor a propósito do texto lido, e da qual resulta o “texto de leitura”. (Cabral, Domingues e Laurel 2016: 13; ênfase do original)

Ora, considerando as palavras introdutórias de Edward Said ao seu ainda hoje polémico *Orientalismo* (1978), o mecanismo do *arrière-texte*, aliado ao intertexto, parece constituir o motor que anima o discurso orientalista nas suas múltiplas aceções:

Qualquer pessoa que escreva sobre o Oriente deve ter uma perspectiva sobre o Oriente; [...] nada disto acontece em abstracto. O escritor que escreve sobre o Oriente (e isto vale inclusivamente para Homero) assume algum precedente oriental, algum conhecimento prévio do Oriente, a que se refere e no qual se apoia. [...] O conjunto de relações entre as obras, os públicos e alguns aspectos específicos do Oriente, por conseguinte, constitui uma configuração que se pode analisar – assim, por exemplo, os estudos filológicos, as antologias de literatura oriental, os livros de viagem ou as fantasias orientais – e cuja presença no tempo, no discurso, nas instituições (escolas, livrarias, organismos de negócios estrangeiros) lhe confere força e autoridade. (Said 2004: 23)

Na medida em que o orientalismo, enquanto tradição ocidental de representação literária e académica dos países e povos do Oriente (Lowe 1991: 3), se tem alimentado de um repositório de imagens, discursos e linguagens próprias, o *arrière-texte* orientalista coincidirá, então, com o tal “conhecimento prévio”, procedente da acumulação e combinação de experiências, memórias e/ou leituras sobre o Outro oriental. No orientalismo literário, o *arrière-texte* participa, portanto, da criação textual de um *efeito* ou imagem de Oriente. Aliás, Gladieu, Pottier e Trouvé defendem que “o pressuposto fundador dos estudos culturais”, os quais emergiram no rescaldo da obra de Said e também da crítica que ela gerou, “não é outro senão uma intertextualidade generalizada” (2016: 17).

Tendo por base a noção de intertextualidade conceptualizada no âmbito da escola de teoria literária francesa e problematizada à luz de uma perspectiva histórica, tanto moderna como pós-moderna, o *arrière-texte* coloca o leitor e o ato de leitura no centro do processo interpretativo: “[O] *arrière-texte* permanece pelo contrário um ponto cego da escrita, quando muito sugerido pelo escritor, e principalmente reconstruído pelo leitor, de um modo conjectural” (Gladieu, Pottier e Trouvé 2016: 45). Nesse sentido, constitui-se como um “duplo jogo” entre “o texto a ler” e “o plano de fundo – a cena mental da sua elaboração” (Gladieu, Pottier e Trouvé 2016: 91), sendo que é neste mesmo jogo que assenta o orientalismo literário. É a cena mental da elaboração das fantasias orientais de fim-de-século de Eugénio de Castro que a seguir se discute como elo de ligação entre cultura literária e cultura científica, isto é, como configuração estética de um conjunto de relações entre obras, públicos, aspetos específicos do Oriente e instituições. Reconhecendo, embora, a dimensão especulativa subjacente ao conceito de *arrière-texte*, por admitir a colocação

de hipóteses sobre a criação autoral na ausência de suporte empírico que se traduza em jogos intertextuais evidentes e localizáveis, ele permite abrir o horizonte de leitura e cruzar o plano da escrita literária, o da linguagem figurada, com o do saber orientalista.

Quando a palavra *orientalismo* se vulgarizou na segunda metade do século XIX, conotava então um entendimento filológico, que entretanto se perdeu, de estudo das línguas e dos textos – ou literaturas – orientais, ou seja, atinentes a um espaço não-europeu⁵ coincidente sobretudo com a Ásia. A institucionalização desta área de saber, isto é, a do orientalismo como estudos orientais ou “ciência do orientalista” – sendo o orientalista “[h]omem versado no conhecimento das línguas orientaes” (Vieira 1873: 583) –, ocorreu ao longo do século XIX (Rabault-Feuerhahn 2012: 1; Machado 2018), com o estabelecimento de escolas, cátedras universitárias e *curricula* especializados, a par da criação de institutos e sociedades científicas, como a Sociéte Asiatique de Paris, em 1822, a Royal Asiatic Society da Grã-Bretanha e Irlanda, em 1823, a American Oriental Society, em 1842, ou a Societá Asiatica Italiana, em 1886. Em Portugal, não houve propriamente uma instituição congénere, cabendo o papel de dinamização do interesse nacional pela Ásia à Sociedade de Geografia de Lisboa, uma instituição de iniciativa privada fundada em 1875 e inicialmente dividida em duas comissões, a Africana e a Asiática, assim como à Academia das Ciências de Lisboa, através da sua missão pedagógica de patrocínio de estudos especializados. Também a reunião de coleções, tanto privadas como museológicas, a criação de congressos para especialistas, como os Congressos Internacionais de Orientalistas, que decorreram de forma mais ou menos regular (de três em três anos) entre 1873 e 1973, e a proliferação de publicações científicas, desde ensaios a manuais lexicográficos, edições críticas e algumas traduções de literaturas não-europeias, ajudaram a *materia orientalis* a entrar no domínio da esfera pública.

A partir do estudo de caso de Castro, argumento que a experiência literária e estética do Oriente se entrelaça com uma outra aceção de orientalismo, a de saber académico-científico. O discurso estético sobre o Oriente, revestindo-se de uma tendência para o exotismo⁶, desenvolveu-se em paralelo com a institucionalização e diversificação do saber orientalista, que simultaneamente fomentou. Exemplo claro da última circunstância – a de interligação entre ciência e literatura – é o *Glossário Luso-Asiático* (1919), do professor de sânscrito Sebastião Rodolfo Dalgado (1855-1922). Situando-se no âmbito do que hoje se designa como linguística de contacto, o *Glossário* mapeia a presença de vocábulos asiáticos na língua portuguesa a partir da literatura – ensaística, cronística, ficcional – disponível. As suas fontes incluem desde João de Barros, Fernão Lopes de Castanheda ou Luís de Camões a Guilherme de Vasconcelos Abreu, Eça de Queirós, Wenceslau de Moraes ou Alberto Osório de Castro.

Em Portugal, a elaboração de estudos mais aprofundados sobre o espaço asiático e outros territórios rotulados como orientais foi um pouco mais tardia do que no resto da Europa, o que se

⁵ Em Portugal, a palavra “orientalismo” surge dicionarizada pela primeira vez, de acordo com o estudo de Manuela Delgado Leão Ramos (2001: 18), no quarto volume do *Grande Dicionario Portuguez; ou The-souro da Lingua Portugeza*, publicado em 1873 – não por acaso data do primeiro Congresso Internacional de Orientalistas, que se realizou em Paris. Significava então “[c]onjuncto dos conhecimentos, das ideias philosophicas e costumes dos povos orientaes.//Sciencia dos orientalistas, conhecimento das línguas orientaes” (Vieira 1873: 583).

⁶ Por exotismo entende-se aqui a manifestação concreta de uma experiência empática e estética com a alteridade oriental, a qual teve uma expressão mais significativa na literatura europeia finissecular; seria um gosto pela diferença de que, para autores como Maria Leonor Buescu (1997: 567) ou Elizabeth Oxfeldt (2002: 6), o orientalismo seria fundamentalmente uma variante.

repercutiu nas fontes preferenciais das criações artísticas nacionais; como observou Duarte D. Braga, “[o] clima orientalista finissecular na poesia portuguesa encontra-se associado sobretudo ao esteticismo. É todo um gosto epocal que constitui um efeito da receção da poesia francesa” (2019: 123). Já Óscar Lopes havia advertido para o facto de a “coincidência entre a tendência decadente-simbolista e a do gosto pelo exótico do Extremo-Oriente, ou simplesmente por qualquer exotismo geográfico ou histórico mais inédito, [ser] um fenómeno europeu, senão mesmo cosmopolita” (1987: 138). O orientalismo literário configura-se assim, por um lado, enquanto sistema transnacional de produção, circulação e receção de saberes sobre as geoculturas contidas numa ideia de Oriente. Um sistema cujo principal mecanismo de criação assenta na partilha de textos. Por outro lado, o orientalismo como experiência estética construída em torno do imaginário de um certo Oriente estava em sintonia com o espírito colecionista de *orientalia* que se fazia sentir um pouco por toda a Europa, e mais especialmente em França, Inglaterra, Alemanha e até mesmo Itália, que serviram de modelo ao desenvolvimento do orientalismo académico-científico em Portugal⁷.

São quatro os acontecimentos que considero mais representativos desse desenvolvimento: a criação da cadeira de Sânscrito em 1877, no Curso Superior de Letras, cuja leccionação ficou a cargo do sanscritista Guilherme de Vasconcelos Abreu; a tentativa, que viria a ser gorada, de acolher, em Lisboa, sob o patrocínio da Sociedade de Geografia, a décima sessão do Congresso Internacional de Orientalistas em 1892; a fundação da Escola Colonial em 1906; e a reintrodução do estudo do Árabe no currículo nacional, com David Lopes a ministrar a disciplina a partir de 1914 (até 1937) na recém-criada Faculdade de Letras de Lisboa, anterior Curso Superior de Letras. A literatura serviu, a par de outras artes (por exemplo, Porfírio 1999), como palco de demonstração e encenação das tendências ou debates orientalistas finisseculares, localmente moldados pelo estado de desenvolvimento dos estudos orientais e fomentados pelas redes de colaboração interpessoais estabelecidas por quem escreveu (sobre) o Oriente. Na sequência de Seabra Pereira, ao afirmar a propósito de Eugénio de Castro que ele “enquadra as suas criações poéticas por uma *intervenção literária e cultural informada*” (1995: 20; ênfase minha), coloco a hipótese de uma interpenetração entre os campos de criação literária e orientalismo académico (ou ciência), isto é, de a produção estética de Eugénio de Castro ter sido informada, coadjuvada ou validada pelo trabalho de orientalistas portugueses. Esta hipótese foi já colocada em relação a outros autores finisseculares, como Alberto Osório de Castro (1888-1946), cujo poema *Exiladas* é introduzido por uma epígrafe de Calidaça que Duarte D. Braga mostrou resultar do contacto de Osório de Castro com

o trabalho do incipiente orientalismo científico em Portugal [...], mais concretamente a luxuosa edição do primeiro acto de Śakuntalâ sob o título *O Reconhecimento de Chakuntalâ* (1878), traduzido por Guilherme Vasconcelos de [sic] Abreu, de onde a epígrafe é retirada *ipsis verbis*: “Vai para diante o corpo, apenas volta para trás o coração inquieto; é como a seda da bandeira levada contra o vento” (Castro, 1895: 5; Abreu, 1878: 31). (2014: 246)

⁷ Cite-se, a título de exemplo, Vasconcelos Abreu: “A Itália vai no bom caminho. A França tem já um passado brilhante e glorioso no que respeita a todos os ramos do ORIENTALISMO; é ela a grande propagadora, foi até em parte a grande mestra da Europa. A Alemanha é o grande foco desta luz imensa. A Inglaterra, a Rússia trabalham ativas. Preparemo-nos nós em Portugal, que estamos mais atrasados do que a França há cinquenta anos no que respeita ao ORIENTALISMO” (2019 [1874]: 174; ênfase do original).

Eugénio de Castro, um dos poetas mais traduzidos da sua geração, mergulhou no Oriente por via dos livros que leu, dos lugares que frequentou e das pessoas com quem se relacionou.

2. Eugénio de Castro no Oriente

Etiópia, Arábia e Egipto (*Belkiss*, 1894), Judeia ou Palestina (*Jesus de Nazareth*, 1885; *Salomé e Outros Poemas*, 1896), Babilónia (*Sagramor*, 1895), Constantinopla (com alguma presença em *Horas*, 1891), a Grécia antiga (*Oaristos*, 1890; *Tiresias*, 1895; *Anel de Polycrates*, 1907) compõem os principais orientes sobre os quais Eugénio de Castro e Almeida versejou. É sobretudo na sua criação de fim-de-século que se deteta uma inspiração orientalista de cariz exótico, assente no que Isabel Pires de Lima descreveu, em “O orientalismo na literatura portuguesa (séculos XIX e XX)”, como “desdobramento ou sugestão de ambientes orientais, onde cintilações de pedras preciosas se cruzam com derramamentos inebriantes de perfumes, cenários habitados por hieráticas figuras históricas, pretextos para sucessões de imagens raras” (1999: 154). *Oaristos* (1890), *Belkiss* (1894), *Sagramor* (1895) e o poema “Salomé”, em *Salomé e outros Poemas* (1896), produzidos nesse período finissecular e de inspiração orientalista, são geralmente aceites como os textos que melhor ilustram o que a crítica convencionou como a fase mais simbolista, ou “inconformista” (Cabral 2019: 149 n.1), de Castro. É a esta fase que se reporta o presente trabalho, situando a sua obra num quadro mais geral de orientalismo enquanto discurso estético assimilador de outros –ismos, desde o parnasianismo ao decadentismo, impressionismo ou simbolismo, e em diálogo com o campo de saber orientalista.

A presença, na obra de Castro, de espaços orientais, alguns dos quais, ainda que escassos, marcados na sua própria história pela influência portuguesa, não é surpreendente se tivermos em conta não apenas os seus contactos com a intelectualidade europeia, mas também o percurso do poeta à luz dos intelectuais com quem se cruzou ao longo da vida em Portugal e que o terão educado em termos de *materia orientalis*. Neste sentido, focarei, de forma mais extensa e com maiores aproximações textuais, a importância formativa da passagem do futuro professor de Filologia Românica da Faculdade de Letras de Coimbra pelo Curso Superior de Letras, em Lisboa, entre 1885 e 1888, como um momento crucial na educação, em segunda mão, do seu imaginário orientalista, ao qual esteve ligado, de forma privilegiada, Guilherme de Vasconcelos Abreu. Essa passagem terá possibilitado o estabelecimento de redes veladas com outros orientalistas portugueses, de que salientarei o etiopista Francisco Maria Esteves Pereira, a quem junto, num terceiro momento, Teófilo Braga e o autor da história dos judeus em Portugal, Joaquim Mendes dos Remédios. Pretende-se, a partir desta incursão pela história pessoal do poeta, elucidar a respeito da cena mental ou fundo intelectual de Eugénio de Castro, ou seja, dar forma ao seu *arrière-texte* orientalista.

3. O Curso Superior de Letras

Sabe-se, da biografia oficial do escritor, que Eugénio de Castro tinha 16 anos quando se inscreveu, como aluno voluntário, no Curso Superior de Letras. Seabra Pereira e Maria de Jesus Cabral interpretam a deslocação do jovem de Coimbra para a capital portuguesa em 1885 como “um movimento táctico de distanciação da familiaridade do ambiente coimbrão, [...] uma espécie de estratégia ciclótica de desacomodação e de busca na capital da intermediação dos pendores de novidade e cosmopolitismo inerentes ao espírito da modernidade estética” (2012: para. 2). Uma nova busca de novidade e de modernidade, por via de um certo estranhamento cultural, teria lugar pouco depois de terminado o curso, quando, em 1889, viajou até Paris, onde estava a decorrer a Exposição Universal. Regressando ainda nesse ano a Coimbra, dessa viagem nasceu a coletânea *Oaristos*, publicada sob a insígnia de Paul Verlaine, a qual foi precursora de outros poemas de ins-

piração simbolista, influenciados sobretudo pelo idealismo de Mallarmé (em *Belkiss*, como, de resto, tem mostrado Maria de Jesus Cabral [e.g. 2010], ou *Salomé*), por Gustave Flaubert (textualmente latente tanto em *Belkiss*⁸ como em *Salomé*) ou por Théophile Gautier (sobretudo em *Sagramor*).

Quando Eugénio de Castro se formou no Curso Superior de Letras, o seu currículo incluía então sete cadeiras (ver Quadro 1).

Quadro 1. Currículo de Eugénio de Castro no Curso Superior de Letras (1885-1888)

1885-1886	História Universal e Pátria (1.ª cadeira) Zófimo Consiglieri Pedroso	Língua e Literatura Sânscrita (Védica e Clássica) (2.ª cadeira) Guilherme de Vasconcelos Abreu	
1886-1887	Filologia Comparada ou Ciência da Linguagem (3.ª cadeira) Teófilo Braga	Literatura Grega e Latina (4.ª cadeira) Jaime Moniz	Literatura Moderna, Principalmente Portuguesa (5.ª cadeira) Teófilo Braga
1887-1888	Filosofia (6.ª cadeira) Augusto de Sousa Lobo	História Universal Filosófica (7.ª cadeira) Jaime Moniz	

Fonte: Arquivo Histórico da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Curso Superior de Letras, cx. 6, cap. 1, “Livro de Matriculas Tomo 3.º”.

À luz do currículo exposto, tanto a Índia das “naus [que] iam á India/Se eram cem as que abalavam,/Vinte apenas regressavam...” (Castro 1895: 82) como a da antiguidade clássica, imortalizada em sânscrito pelos *Vedas*, pelo *Código de Manu* ou pelos épicos *Mahabharata*, *Ramaiana* e também *Xacuntalá* (de Calidaça), não eram de todo estranhas ao poeta. Foi com Vasconcelos Abreu que iniciou a sua educação científica orientalista, de vertente indianista⁹.

Vasconcelos Abreu foi dos primeiros intelectuais portugueses a definir *orientalismo*, em 1874, ainda antes de integrar o corpo docente do Curso Superior de Letras. Defendia então que “o ORIENTALISMO não é objeto de mera curiosidade; que não é assunto para entretenimento e ocupação de horas de ócio. O ORIENTALISMO é a soma dos conhecimentos linguísticos, etnológicos e históricos acerca dos povos, do Oriente, antigos e modernos” (2019 [1874]: 170; ênfase do original). Foi este projeto científico e epistemológico que pôs em prática nas suas aulas, conquanto exclusivamente orientadas para o passado védico, o qual não terá deixado de inspirar aos seus alunos,

⁸ Rana Kabbani expõe o sincretismo subjacente à rainha de Sabá flaubertiana, na qual se fundem várias figuras femininas orientais, nos seguintes termos: “She is a pastiche of Oriental female prototypes; she dances like Salome, tells stories like Scheherazade, is regal and ridiculous at once like traditional portrayals of Cleopatra” (2008: 120).

⁹ Em 1887, um ano depois de doutrinar Castro, Vasconcelos Abreu publicaria o seu programa para o estudo do Sânscrito clássico (e também algumas lições antropológicas feitas no Curso). Muito focado no estudo da língua, o programa inclui, para além de explicações de gramática, uma bibliografia com sugestões (sobretudo em inglês, alemão e francês) quer de instrumentos lexicográficos quer de obras sobre a origem dos Árias, sobre a sua filosofia e religião, sobre história literária e o cânone literário sânscrito. A par do seu *Manual para o Estudo do Sãoskrito Classico* (2 tomos, 1881-1883), que usava para o ensino da gramática, Vasconcelos Abreu utilizava também o livro *Letteratura Indiana* (1883), do indianista Angelo de Gubernatis, como introdução à história da literatura hindu (Vasconcelos Abreu in Vicente e Amaral 2019: 197).

como se supõe, projetos de outra natureza ou curiosidade, nomeadamente estético-literária.

O professor da primeira cadeira, Consiglieri Pedroso (1851-1910), que Vasconcelos Abreu nomeou como um dos seus primeiros discípulos¹⁰, encarava, por seu turno, o orientalismo como o estudo da História da presença portuguesa em territórios orientais, por meio do qual enfatizou o pioneirismo português no conhecimento empírico desses territórios, em particular os da Ásia. Para Pedroso, sem a expansão marítima viabilizada pela viagem de Gama (1497-1498) – no fundo, sem esse *arrière-texte* histórico –, o trabalho dos orientalistas britânicos não teria sido possível:

O orientalismo, isto é, a revelação assombrosa das velhas civilizações extintas, que outr’ora encheram com a sua fama o mundo asiático, só pôde surgir á voz dos William Jones, dos Colebrooke, dos Rawlinson e de tantos outros eruditos, depois que pela audácia dos nossos marinheiros se lhes tornaram acessíveis as terras, onde jaziam os vestígios dos imperios evocados por elles á vida histórica. (1898: 24)

Os impérios que mais viriam a atrair Castro foram os das velhas civilizações extintas de um Oriente antigo mas geograficamente próximo do poeta luso, isto é, os impérios árabe, axumita (ou etiópico) e bizantino. Estes o inspiraram a praticar uma poesia orientalista, porque de apropriação de temas, figuras, adereços, ambientes e lugares que, enformando uma ideia europeia de Oriente, foram nessa medida adaptados a uma agenda estético-literária própria (Rudd 2007). Esta fez-se marcar, na sua poética, pela insubmissão formal e liberdade de ritmo, tanto quanto o próprio Oriente, propício à sugestão por representar um espaço ignoto, seria conotado com liberdade e libertinagem, luxo e prazer ou, pelo contrário, loucura e violência, degeneração e irreverência¹¹.

Como exemplificarei mais adiante, esta apropriação é particularmente visível através das suas reescritas de um feminino oriental insinuante, seja através da rainha de Sabá, em *Belkiss*, seja, por exemplo, através de Salomé, cujo mito literário serviu os propósitos de vários movimentos estéticos finiseculares europeus. Mireille Dottin-Orsini (1988: 1180) realçou, neste sentido, a importância do poema épico *Atta Troll* (1841), de Heinrich Heine (1797-1856), como fundador da obsessão pela princesa do Oriente bizantino. No caso concreto de Heine, cujo *Intermezzo* Castro chegou a traduzir (Castro 1885; Pereira e Cabral 2012, para. 3), não foi, porém, apenas esse Oriente bizantino que ele popularizou, mas também o da Índia; aliás, Heine foi aluno do indólogo, e também poeta romântico, August von Schlegel nos anos de 1820 (McGetchin 2009: 75 e 143). Décadas mais tarde, e em Portugal, também Castro viria a ser aluno de um indólogo, que presidiu por diferentes períodos à Comissão Asiática da Sociedade de Geografia de Lisboa, educado na tradição positivista e formado nas escolas de sanscritologia alemã e francesa¹², donde trouxe o seu saber de filologia oriental e mitologia comparada e o transmitiu aos seus alunos, impactando assim o seu respetivo quadro de referências e imagens.

¹⁰ Vasconcelos Abreu dedica *Exercícios e Primeiras Leituras de Sâmscrito* (1889) aos seus “primeiros discípulos”, entre os quais figura o nome do seu colega e “Lente da 1.ª cadeira no Curso Superior de Letras em Lisboa, Deputado às Cortes e Vereador Municipal”, Zófimo Consiglieri Pedroso.

¹¹ Em linha com Seabra Pereira: “Na mesma perspectiva se deve interpretar o Oriente faustoso e frenético, lascivo e trágico – mundo de luxo, desejo, sangue e morte [...] – que já vimos ser, no Decadentismo, quadro envolvente do amor e de importantes manifestações a ele ligadas” (1975: 52).

¹² Vasconcelos Abreu foi bolseiro do Ministério dos Negócios Estrangeiros, que financiou os seus estudos entre maio de 1875 e julho de 1877 tanto em Paris (École de Hautes Études e Collège de France) como em Munique (Universidade de Munique).

O Curso Superior Letras funcionava então no Convento de S. Jesus, onde estava instalada a Academia das Ciências de Lisboa, que, como forma de patrocínio do Curso, lhe havia cedido as suas instalações. A partilha física de espaços significava que, por um lado, os alunos do Curso podiam usufruir do acervo bibliográfico da Academia, que, a par da Biblioteca da Ajuda, da Biblioteca Nacional e da Sociedade de Geografia, reunia espécimes bibliográficos essenciais à atividade orientalista portuguesa. Com efeito, o Curso Superior de Letras, a Academia das Ciências e a Sociedade de Geografia foram importantes espaços de literacia orientalista no Portugal finissecular. Por outro lado, esta convivência a paredes-meias representava também a possibilidade de os alunos privarem com os membros da Academia, eles próprios em parte coincidentes com os docentes do Curso, e de participarem nos debates científicos e culturais por ela promovidos.

Quando em 1894 dá à estampa o poema dramático em prosa *Belkiss. Rainha de Sabá, d’Axum e do Hymiar*, dir-se-ia tratar-se de uma revisitação poética das leituras e aprendizagens feitas no Curso Superior de Letras e cujo pendore orientalista não terá por certo desgostado os seus professores, nem mesmo um homem da ciência como Vasconcelos Abreu. Não posso deixar de notar afinidades entre o ambiente palaciano faustoso de *Belkiss*, que também se adivinha no poema posterior “Salomé”, e a imagética do exotismo que percorre *Chand-Bibi: a sultana branca de Amenagara. Lenda indiana fantasiada da tradição histórica do século XVI*. É esta uma criação romanesca fantasiada por Guilherme de Vasconcelos Abreu, que apareceu quatro anos depois de *Belkiss*, em 1898, por ocasião das comemorações do quarto centenário da descoberta do caminho marítimo para a Índia, e está muito longe de um qualquer esteticismo simbolista ou da tragicidade que atravessa *Belkiss*. Ainda assim este texto merece menção por, ao contrário do poema de Castro, ilustrar o que Isabel Pires de Lima diz ser “um modo especificamente nacional” de apropriação imaginária do Oriente, que foi “fonte inesgotável de experiência vivida desde a época renascentista, enquanto destino da grande viagem, peregrinação e errância” (1999: 147). Com efeito, o subtítulo chama a atenção para o contexto – ou *arrière-texte* – histórico da expansão quinhentista portuguesa, aludida no texto unicamente nas palavras laudatórias da própria sultana: “E sua côrte a dos sábios e poetas, de toda a Índia e da Arábia, e da terra ocidental que mais longe fica e de onde há pouco vieram os fortes Portugueses” (Vasconcelos Abreu 1898: 43). Por aqui se adivinha a toada épica que ecoa no texto do sanscritista.

Em convergência com o poema dramático de Eugénio de Castro, em *Chand-Bibi* abundam uma cor local (patente nos antropónimos, nas descrições da fauna e da flora) e imagens de um Oriente perpassado por paixões violentas. Vários são os exemplos que percorrem ambas as obras e atestam, antes de mais, a monumentalidade das cidades do Oriente (do passado), tanto o bíblico como o da primeira época moderna, e um cenário de luxo oriental, pautado tanto de riqueza (material) como de diversidade (cultural). Se em *Belkiss* se cruzam as tradições axumita e arábica, em *Chand-Bibi* cruzam-se parses, muçulmanos e brâmanes, persas e indianos (ver Quadro 2).

Quadro 2. Ecos imagéticos entre *Belkiss* e *Chand-Bibi* (ênfases nossas)

<i>Belkiss</i> (1894)	<i>Chand-Bibi</i> (1898)
Uma sala no palácio real de Axum. Do chão, ladri-lhado de basalto verde , sobem grandes colunas de pórfiro, mordidas de inscrições e coroadas por capitéis de bronze , em açucena. Nos intercolúnios, fartas colchas de linho do Egito, bordadas a seda . Ao fundo, iluminando o aposento, uma galeria aberta, ornamentada com arbustos aromáticos , dispostos em cestos de ouro . (2016: 62)	[T]erra querida dos Deuses, Amenagara, entre as da Ásia a mais formosa. (1898: 9)

<p>No palácio de Sabá. Dominando a cidade e o mar, um elevado terraço, ladrilhado de mármore verde e circundado de alegretes cheios de lírios brancos, de Antióquia, e vermelhos, de Lícia. [...] Em baixo, nas ruas e nas praças, grande movimento de estrangeiros. (2016: 156)</p>	<p>Formava uma só máquina de guerra a cidade ativa. Os bastiões erguiam-se à altura a que sobe o monte Cáilasa. Dentro esplendiam palácios e arcadas, vastas praças, todo o luxo da Ásia antiga; e tumultuava o povo, em burburinho, no afã e bulício da cidade. Os palácios de matizado esmalte eram labores fantásticos, dédalos de esculturas: nos vestíbulos, nos pórticos, nas cornijas e varandas, e nas paredes de vários corpos de edifício, que uns sobre os outros descansavam erguidos em festões de renda de alabastro que formavam arcadas assentes em colunas de mármore cor de rosa. [...] Cruzavam-se nas vastas e amplas ruas, [...] carros de festim, carros de guerra, elefantes artilhados, e os camelos que transportavam riquezas para os bazares. Nos rostos da multidão havia: cores bronzeadas, retintas ou baças e alvuras mais nobres, e todo o cambiante entre a pálida tez do Caxmiriano do norte e a cor tostada dos Drávidas do sul. Nos trajes a variedade infinita, desde o jogue de corpo quase nu até o Parse todo coberto dos pés à cabeça, e o Mohametano soberbo [...]; e o Brâmane de cãs descidas sobre o peito, a enobrecerem-lhe mais os três fios de linha a tiracolo por sinal de sua dignidade. (1898: 16-17)</p> <p>Uma grande sala hipostila, maior que a de Karnak, completamente atulhada pelas mercadorias da frota. Dos caixões entreabertos pendem, numa ardente promiscuidade de cores, e alastram-se pelo chão, em ondas flexuosas, linhos bordados, sedas de reflexos metálicos, lhamas e peças de púrpura... De alguns odres estoirados correm fios de ouro em pó. Encostadas às colunas [...] montões de urnas de prata cheias de perfumes e de especiarias, adagas, lança e broquéis, faianças e bronzes esmaltados, dentes de elefante, feixes de plumas, ventarolas, peliças, troncos aromáticos, metais em barra [...]. (2016: 176)</p>
	<p>Conduzia aquela rua ao palácio da Ràni de Amenagara, o qual se erguia ao centro da cidade, como dentro de uma outra cidade. [...] As paredes do palácio eram cobertas com esmaltes de mil côres; os telhados cúpulas de oniz e ouro; as janelas de lazulite; os pórticos flores de cantaria. (1898: 18)</p>

Como observou Paula Morão, no seu estudo em torno das figurações de Salomé na literatura portuguesa entre o fim-de-século e *Orpheu*, o “léxico orientalista e heráldico, representado pelos leões e pavões, feras e aves ornamentais, enigmáticas e exóticas como as personagens de que são emblema, [...] povo[a] com abundância os textos e a iconografia do decadentismo e do simbolismo” (2001: 28). Esse léxico e imagética exóticos são com frequência, na literatura orientalista e orientalizante finissecular, subordinados a uma retórica de feminização do Oriente, em que a fi-

gura feminina ressaí como elemento central do exercício de textualização desse espaço (e.g., Lowe 1991; Lewis 2005 [1996]; Pal-Lapinski 2005; Kabbani 2008 [1986]; Pinto 2013). Através de Belkiss, em Castro, e de Ràni, a “sultana de Amenagara Chand-Bibi, a Dama-Branca, a Formosa da Ásia” (1898: 23), em Vasconcelos Abreu – e que, à semelhança da rainha de Sabá cujos “presentes são admiráveis, mas mais admirável é a sua beleza” (Castro 2016: 230), era simultaneamente “temida dos exércitos dos reis vizinhos por seu poder guerreiro; e [...] amada dos reis pela extrema beldade feiticeira” (Vasconcelos Abreu 1898: 27) –, articula-se o discurso da história, do mito e do imaginário sobre o Oriente antigo:

[Belkiss] Cingida por uma lunática túnica de lã branca, bordada a fio de prata; de pé, os braços caídos; os dedos cheios de rubis; a cabeça inclinada para trás, como se os cabelos, orvalhados de limalha de ouro, lhe pesassem muito [...]. (Castro 2016: 72)

Da túnica de Belkiss, levemente agitada pelo ritmo dos seus seios timoratos, exala-se um quebrado perfume de óleo nardo. Sobre o mosaico, andam pombas de asas almiscaradas. (Castro 2016: 108)

[Ràni] Era sultana de Amenagara Chand-Bibi, a Dama-Branca, a Formosa da Ásia. Qual oásis no deserto era sua alma alívio dos malquistos da fortuna.

Seu vestido de seda amarela era o caliz dourado duma flor; seu espírito a essência fina, o aroma delicado que se espalha no ar e perfuma a todos.

Sua voz tinha a harmonia de uma ave em canto redobrado na primavera.

Do azul esbatido, à hora d'alva, num céu em que nuvem diáfana concentra a claridade que desponta, era assim o azul das suas veias e a alvura da sua tez, – carnação divina! – no rosto alumiada pelo clarão da inteligência.

Era um fogo, clarão de incêndio de alma a luz dos olhos fulgurantes, como o chakra circular de Naráiana em duplo céu repetido.

O rosto, emoldurado por negros cabelos soltos, era argêntea lua à meia-noite e as rosas de rorida manhã em estio ardente.

Tinham seus lábios a cor da aurora; eram seus dentes o orvalho cristalino pendurado nos gomos de romã semiaberta.

O pescoço tinha a lânguida ternura do caule do lódão balouçado nas ondas de um lago entumecido.

E, tímidos, os seios lhe ondulavam com a exuberância juvenil da primavera da vida.

A cintura era o estreito gargalo de uma ânfora, que se alarga e arredonda ao descer das asas.

Urna de maravilhas, a Ràni era ânfora de amor, seus braços asas dessa urna.

(Vasconcelos Abreu 1898: 23-24)

Opondo um exotismo trágico (*Belkiss*) e um exotismo maravilhoso (*Chand-Bibi*), ambos os textos seguem, porém, uma linha de exibição e erotização do corpo feminino, tão sedutor quanto vulnerável, lugar privilegiado de projeção de fantasias masculinas, um *topos* a que nem Vasconcelos Abreu escapou – e isto para quem o orientalismo não era senão saber filológico e histórico, negando-o como ocupação de ócio. Tanto *Belkiss* como o poema “Salomé” de Castro ou *Chand-Bibi* de Vasconcelos Abreu contam histórias do feminino oriental, que é movido pela paixão e pelo desejo. A volúpia, a indolência e a avidez carnal de corpos, por vezes desnudos e inscrevendo-se sob a divisa da lua feiticeira, que se oferecem para serem corrompidos por um homem estrangeiro ou estranho (*Belkiss*/Salomão, *Salomé*/profeta S. João Batista, sultana Ràni/o poeta guerreiro *Salabate*), sobressaem como lugares-comuns do feminino oriental e servem de baluarte à construção de um Oriente misterioso:

Até as feias são beijadas e enleadas com amor! E eu, eu [Belkiss] que sou linda – como a água do meu banho me tem mostrado, vivo aqui, pobre flor estéril! [...] amordaçando os meus desejos e amamentando o meu tormento, que me morde como um escorpião! Para que nasci eu com uma boca tão linda? [...] No

meio dos meus frenesis noturnos, ergo-me, quase nua, os olhos em labaredas, os seios arquejantes, como cisnes moribundos, e subo àquele alto terraço, onde os noctívagos de Axum me veem errar, de cabelos soltos e braços em súplica, como um fantasma... (Castro 2016: 82, 84, 86)

Como resplende a filha de Herodias [Salomé],
[...]
Esbelta e esguia,
Num gesto musical que espalha mil perfumes,
Do favorito leão a juba acaricia...
E os outros leões rugem de amor e de ciúmes...
Voam íbis no céu... e, erguendo-se, brilhantes,
Dos lagos onde nadam flor's do Nilo,
[...]
Solto o negro cabelo, onde sangram rubins,
E quase nua, Salomé descansa,
Quebrada de torpor, entre fofos coxins...
(Castro 2001: 107-108)

Aparece, dançando, a linda Salomé.

Radioso véu, mais leve que um perfume,
Cinge-a, deixando ver sua nudez morena,
Dos seus dedos flameja o precioso lume,
E em cada mão traz uma pálida açucena.
(Castro 2001: 112)

Chamavam-lhe Chand, a meiga lua, os poetas maravilhados da sua tez alvíssima. (Vasconcelos Abreu 1898: 28)

Chand Bibi, a Argêntea Flor, o Lírio Branco, pende lânguido, semiadormecido em rede de ouro e púrpura entrançada.

Nos jardins do palácio soam harmonias brandas. Nas pontas dos pés se sustêm graciosas, balouçando-se como uns bambus esbeltos, as coreas de Naiicas e Apsarás – escravas e companheiras da Ràni.

Nos ares evolvem-se perfumes de tochas de resinas aromáticas e dos bálsamos que entornam as urnas de lazúli, das mãos das estátuas de alabastro. (Vasconcelos Abreu 1898: 41)

Os longos excertos acima são ilustrativos de orientes que permitem ao poeta e ao sanscritista explorar quadros sinestésicos que acentuam um ambiente inebriante e quase onírico, ao mesmo tempo que imprimem uma certa musicalidade ao texto. *Chand-Bibi*, que Vasconcelos Abreu dedica a sua esposa Maria Júlia Bourdi (de Vasconcelos Abreu), é a única aventura por um território de escrita ficcional intentada pelo indólogo e também estudioso da presença do Oriente na literatura portuguesa. Mendes dos Remédios, na sua *História da Literatura Portuguesa*, apresenta-o, na secção reservada aos historiógrafos literários, como “cultôr da lingoa portuguesa, notavel pela sobriedade, vigor e propriedade com que a escreveu, aliando grandes predicados de imaginação e de gôsto literário a uma formosa erudição” (1914: 616). Em *Chand-Bibi*, a despeito dos intertextos – mais explicitamente inseridos por via das epígrafes que enquadram cada um dos doze capítulos¹³

¹³ Tanto o capítulo I, “Amenagara”, como os capítulos XI, “A cisterna”, e XII, “O túmulo”, são introduzidos por uma epígrafe de *Ramaiana*; o capítulo II, “A cidade de Amenagara”, é apresentado por via de

e que remetem sobretudo para o cânone literário indiano –, o exagero maravilhoso, a profusão de símiles e o descritivismo rebuscado na construção do espaço, da sua natureza exuberante – um verdadeiro *locus amoenus* – e das figuras que por ali circulam são signos de uma artificialidade. Ainda que a obra possa ser lida como uma sedução do escritor pelo tempo e espaço que estuda/narra – a Índia contemporânea da expansão marítima portuguesa –, não deixa de resultar numa incursão frustrada de um homem da ciência pelo universo literário, onde se desdobram a inquestionável erudição do seu autor (visível tanto a nível lexical quanto das referências à mitologia e à história da Índia) e o seu conhecimento dos textos clássicos convocados ao longo da *lenda fantasiada*.

Em *Belkiss*, não é de todo um *locus amoenus* que ressalta, mas antes uma atmosfera perpassada pelo tédio e pelo desejo, pela morte e pelo irreal, que Maria de Jesus Cabral, na sua aproximação de Castro ao teatro de Maeterlinck, inscreve “sob o signo da fatalidade, que desvigor a vida e cria um universo de vertigem, de dor e até de loucura”, em que *Belkiss* “não sabe nem vê o que está por detrás da sua vida” (2019: 154), donde “o sentimento de perda identitária e de vulnerabilidade” (2019: 155). O signo da fatalidade remete-nos para o professor de Castro no segundo ano do Curso, Teófilo Braga (1843-1924), que se demarcou pelos seus ideais revolucionários e fora iniciado por Vasconcelos Abreu na filosofia positivista¹⁴ (Littré 1874: 149):

No genio do Oriente, as energias cosmicas na sua exuberancia deixaram a impressão da instabilidade cahotica, e o destino humano[,] não descobrindo a harmonia da Natureza, considerava a vida como uma dolorosa expiação, submettendo-se a uma tragica fatalidade, e deixando-se cahir ora na apathia contemplativa até absorver-se no nihilismo do Nirvana, ou reagindo pela hallucinação desvairada das dansas e das musicas estridentes do culto da Natureza. Desde que esta corrente entrou na Europa, os espiritos equilibrados do Occidente foram levados a submeter á harmonia da Natureza esse problema do destino humano; é isso que exprime o mytho de Orpheo [...]. O Orphismo [...] é a synthese dos mythos e tradições religiosas da Phrygia, da Phenicia, da Syria, da Assyria, da Persia, do Egypto e da India. (1902: xvii-xviii)

Se, por um lado, o Oriente seria apropriado como espaço da fatalidade (e reconheça-se a presença do niilismo orientalista de Antero de Quental na citação [Lima 1999: 150]), quando a própria “poesia do oriente”, ainda nas palavras de Teófilo, se distinguiria “pelo enlace indefinível da voluptuosidade e da morte” (1864: xx), por outro tem expressão em *Belkiss* o culto da natureza por via da alucinação com laivos de histeria¹⁵, uma espécie de eco aos estudos médicos propagandeados na segunda metade de Oitocentos.

uma epígrafe extraída da “*Lenda de Sumeda* (játicas)”; o capítulo III, “Chand-Bibi”, é enquadrado por uma epígrafe atribuída a “Açaf-Uddulá, *Canto da Formosura de Chand-Bibi*”; no capítulo IV, “Molher e rainha”, a epígrafe provém do episódio de Savitri do *Mahabharata*, enquanto a epígrafe que introduz o capítulo VIII, “A amante”, pertence ao episódio de Nala; o capítulo V, “Salabate Cã”, apresenta duas epígrafes de origem árabe, “A uma espada – Poesia árabe” e “Canto árabe”, respetivamente; no capítulo VI, “Ao luar”, a epígrafe provém de “Voz do Coquilá”; o capítulo VII, “A despedida”, contém duas epígrafes, linhas em branco de “Bartikári (*Centúrias*, I)” e um verso de Xacuntalá; no capítulo IX, “Os mogores”, figura uma epígrafe bíblica, de Ezequiel (38:7); no capítulo X, “A mensagem”, encontra-se mais uma epígrafe proveniente de um “Canto árabe”.

¹⁴ Fernando Catroga ressalta a ação dos professores do Curso Superior de Letras na ligação entre positivismo e orientalismo, destacando Teófilo por descrever “a História Universal como um percurso que terá conduzido os árias ‘à hegemonia perpétua da humanidade’” e Consiglieri Pedroso por defender “que era na Índia, ‘com os seus Vedas’, que ‘se guarda, como preciosa jóia, a poesia infantil, a fronto dos nossos longínquos pais’” (1999: 218).

¹⁵ A histeria como patologia da psique e do corpo femininos seria sintoma da degenerescência com-

Refere Isabel Pires de Lima que o Oriente estimulou o “gosto pelo preciosismo descritivo, pela alucinação sensorial, pela evocação de atmosferas sumptuosas e rutilantes, por um certo artificialismo” (1999: 152). O excesso a que o Oriente convidaria estreita a associação entre Oriente, para mais lugar de emanção de uma subjetividade feminina, e imprevisibilidade, propícia a comportamentos desviantes e irascíveis, que deveriam ser controlados ou reprimidos, daí resultando a fatalidade oriental e a perda simbólica da identidade do Oriente a ser domado. A relação bipolar de sedução e medo/rejeição que tem caracterizado a ligação entre Ocidente e Oriente parece, aliás, materializar-se em *Belkiss* através da comunhão da rainha de Sabá com a natureza, em concreto com a floresta, “espaço desconhecido e misterioso que simultaneamente atrai e aterroriza” (Cabral 2019: 155). *Belkiss* simbolizaria um Oriente duplamente outro, por se insinuar e seduzir como uma mulher seduz um homem e por atemorizar como o desconhecido, como o estrangeiro atemoriza quem o não conhece.

Já a sultana de Amenagara é uma fantasia idealizada sobre uma Índia da tradição clássica, objeto de estudo histórico na escola pública portuguesa. A incursão de Vasconcelos Abreu poderá ter sido suscitada pelo sucesso literário não apenas de alguns seus ex-alunos, como Eugénio de Castro, mas também, porventura, pela simples vontade de se alinhar com o gosto exótico europeu ou de dialogar com um público de leitores não-académicos ou não-especialistas, cumprindo assim um propósito didático.

Não obstante, os intertextos *de facto* e a cor local, assim como o rigor e a riqueza lexicais, que em *Belkiss*¹⁶ estão profusamente documentados em aparato crítico às edições de 2016 e 2019, contribuem para o efeito de uma literacia científica em potência. O papel do Curso Superior de Letras como provedor de instrumentos de trabalho, molduras conceptuais, formas de inquirir objetos e relações entre culturas, tempos e espaços não pode, pois, ser menosprezado na configuração do *arrière-texte* da criação estética orientalizante de Eugénio de Castro.

4. Redes de colaboração interpessoais

4.1. Da Etiópia: Francisco Maria Esteves Pereira

A propósito da génese de *Belkiss*, Matteo Rei demonstrou já, no estudo introdutório à sua edição crítica do texto, de 2016, as afiliações transtextuais do poema, percorrendo desde o Antigo Testamento ao Corão e a *Kebrá Nagast*, dos romances de Flaubert à *História Natural* de Plínio e aos estudos do egiptólogo Gaston Maspero (1846-1916) – com quem Castro veio a corresponder-se –, sem descartar a hipótese de o contacto de Castro com as lendas da rainha de Sabá poder ter sido mediado pelo autodidata na língua e literatura da Abissínia, Francisco Maria Esteves Pereira (1854-1924).

portamental e moral da mulher, numa altura em que as primeiras vozes feministas começam a fazer-se ouvir. Na *Salomé* de Oscar Wilde (1891) é explícita a sua apresentação como histérica através da metonímia e da metáfora lunares: “Parece [a lua] uma mulher histérica, uma mulher histérica por todo o lado à procura de amantes. Além disso, está nua. [...] Tropeça nas nuvens como uma mulher embriagada... [...] Parece uma mulher histérica, não parece?” (Wilde 2011: 57).

¹⁶ No número de outubro de 1944 da *Revista Brasileira*, Oscar Mendes sublinha, no entanto, que: “Sua idolatria [a de Eugénio de Castro] pelo termo raro, sua fascinação pela música vocabular, sua exibição meio rastacuera de palavras peregrinas, arrancadas dos escrínios latinos e gregos, hoje já não deslumbram, nem escandalizam, como fizeram aos leitores de seu tempo” (1944: 88).

Foi por volta de 1887, aos 34 anos de idade, que Esteves Pereira iniciou oficialmente a sua prática filológica de natureza orientalista, com a publicação, no *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, da edição anotada e seguida de tradução para português da *História de Minás Además Sagad, Rei da Ethiopia*, que teve direito a separata em 1888. Na nota 114 à tradução, encontra-se a única alusão no texto à rainha de Sabá, identificada como fundadora da dinastia salomónica, quando Esteves Pereira comenta: “Sabe-se que era um leão o emblema da tribu de Judá, á qual pertenceu Salomão; e que, segundo a tradição, os Reis de Ethiopia descendem de Menilé, filho de Salomão e da Rainha de Sabá. Assim os reis de Ethiopia adoptaram para divisa de sua realza um leão sustentando uma cruz” (1888: 72). *Belkiss*, por seu turno, e como bem adverte Matteo Rei (2017: 104), teve a sua publicação anunciada como “iminente” logo em 1890 na contracapa da primeira edição de *Oaristos*, para além de o último verso da própria coleção poética antecipar o tema daquela obra iminente: “Rainha de Sabá foi buscar Salomão!”. Pode-se, desta forma, situar a génese de *Belkiss* em, pelo menos, 1890 ou, até, em 1889, posto que a nota prefaciadora de *Oaristos* data de 10 de janeiro de 1890.

Foi Isabel Boavida quem primeiro colocou a hipótese de o orientalista Esteves Pereira ter servido de consultor a Eugénio de Castro aquando da escrita do seu poema dramático:

É possível que Castro conhecesse o orientalista Esteves Pereira (1854-1924) do tempo que passou em Lisboa, frequentando o Curso Superior de Letras. Pereira preparava, na década de 1890, entre outros trabalhos, a tradução e notas do relato da expedição de Kaleb (*Historia dos Martyres de Nagram*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1899) e conhecia, para além do mais, a história narrada na referida Glória dos Reis. Ainda que não possua nenhuma prova da ligação entre o poeta e o investigador, creio ser possível traçar-se, contudo, uma teia entre os trabalhos de ambos: Castro escreveu um poema dramático, *O anel de Polícrates* (1907)[,] inspirado no texto clássico homónimo e Pereira publicou um estudo sobre as versões clássicas do mesmo, intitulado também *O anel de Polícrates* (Coimbra, 1915); em 1909, Castro traduziu e publicou *Poesias de Goethe* e, dez anos depois, Pereira apresentou na Academia das Ciências um estudo literário sobre *O Rei de Thule* (*Bailada de Goethe*). Estes apontamentos não são conclusivos e ficam registados sob reserva. (Boavida 2006: n. 19)

Continuando a não haver provas materiais de uma ligação entre escritor e investigador, ambos partilhavam espaços de sociabilidade intelectual, como a Academia das Ciências de Lisboa, que Esteves Pereira parece ter frequentado com relativa assiduidade muito antes até de se tornar seu membro (em 1908), embora Castro fosse sócio correspondente desde cerca de 1893 e só tenha começado a comparecer às sessões da Academia a partir de 1923, onde inequivocamente se cruzou com Esteves Pereira¹⁷. São também vários os elementos identificados por Rei (2017: 108-109) que aproximam *Belkiss* da versão de *Kebra Nagast* [Glória dos Reis], cuja cópia manuscrita Esteves Pereira viria a ter em sua posse por intermédio de Casimir Mondon-Vidailhet (1847-1910).

Hoje considerado pioneiro no estabelecimento das relações de amizade franco-etíópica, Mondon-Vidailhet presenteou Esteves Pereira com um manuscrito encadernado de *Kebra Nagast*, um total de 182 páginas copiadas pelo *debtera* Kenfê, secretário de Mondon-Vidailhet e natural da Etiópia. A informação manuscrita a lápis na primeira folha de linhas do documento dá conta de

¹⁷ Note-se, em jeito anedótico, que ficou registado em ata da sessão de 25 de janeiro de 1923, presidida por Júlio Dantas, e na qual participou Esteves Pereira, que o “sr. Eugénio de Castro, [...] eleito sócio correspondente da Academia há trinta anos, pela primeira vez comparecia a uma sessão. [Dantas] Fêz o elogio do eminente poeta [...] cuja arte tem a sumptuosidade dum paramento litúrgico, a graça hierática dos antigos marfins bizantinos, e, por vezes, a simplicidade admirável dum veio de água corrente” (1927: 12).

que o texto foi expedido de Adis Abeba a 25 de fevereiro de 1897 e recebido em Lisboa a 16 de abril (BACL, Coleção Esteves Pereira, 13.28.5). Ainda que a cópia de Esteves Pereira seja posterior à data de publicação da obra de Castro, o orientalista teria um conhecimento aturado daquela epopeia etiópica, sobre a qual poderia ter falado, de forma proficiente, com Eugénio de Castro.

Quando, mais tarde, em 1915 Esteves Pereira publica no *Boletim* da Academia o seu estudo sobre a lenda do anel de Polícrates, texto que o próprio traduz do grego, mostra como a literatura pode servir de legitimação epistemológica para trabalhos histórico-científicos de âmbito orientalista. Trata-se, no caso, de um trabalho sobre as origens do conceito de moral contido naquela lenda de Heródoto, o qual Esteves Pereira argumenta ter sido importado da Ásia, por via da Babilónia, para onde teria sido primeiramente exportado da Índia budista. No final do trabalho, Esteves Pereira apresenta quer a balada de Schiller (1797), que traduz do alemão, quer o drama épico homónimo de Eugénio de Castro como “notáveis composições poéticas de escritores modernos” (1915: 491). Deixa, assim, expresso um elogio ao consócio da Academia, cuja obra revela conhecer.

Tal como o próprio Eugénio de Castro, também Esteves Pereira estava familiarizado com o trabalho do orientalista francês Gaston Maspero (Almeida 2017), autor de *Histoire ancienne des peuples de l’Orient* (1878), epitetado de “distinctissimo egyptologo” por Teófilo Braga (1884: 105). Foi, aliás, com Maspero que Vasconcelos Abreu (1878: 4) tivera lições de egiptologia em 1876 aquando do seu período de estudo em Paris. Não sendo certo que mestre (Vasconcelos Abreu) e aluno (Eugénio de Castro) tenham mantido correspondência ou contacto, nomeadamente após a década de 1880, terá, no entanto, sido o antigo professor de Sânscrito de Castro a pô-lo em contacto com Maspero? Ou, pelo contrário, terá sido Esteves Pereira a desempenhar essa função mediadora? Não sendo possível determinar a efetiva intermediação de um destes agentes orientalistas no contacto epistolar de Castro com Maspero, uma vez que não existe material a documentar estas relações, é, todavia, possível confirmar que tanto Esteves Pereira como Maspero eram membros da Société Asiatique de Paris, o primeiro desde 1888 e o segundo desde 1879, e ambos se cruzaram, pelo menos, em 1897 por ocasião do 11.º Congresso Internacional de Orientalistas, que decorreu em Paris. Esteves Pereira participou no evento, de cuja organização Maspero foi um dos secretários, na qualidade de ouvinte¹⁸. Ambos eram também próximos do francês René Basset (1855-1924), especialista em línguas árabe e berbere radicado em Argel, que desde cedo apoiou e patrocinou o trabalho de Esteves Pereira. Foi por intercedência de Basset que o orientalista português foi feito membro da Société Asiatique, a qual se associou ao primeiro Congresso Internacional de Orientalistas e o apadrinhou desde então. Maspero veio inclusivamente a ser vice-presidente desta instituição entre 1892 e 1916, sendo 1892 o ano em que a décima sessão do Congresso de Orientalistas, de cuja comissão executiva Esteves Pereira fazia parte, deveria ter tido lugar em Lisboa.

Relembra Rei que a única carta encontrada no epistolário de Castro da autoria de Maspero surge na sequência da preparação da tradução italiana do poema dramático por Vittorio Pica (1862-1930), a qual daria à estampa em 1896:

Com efeito, nesta carta o egiptólogo francês explica o sentido de um termo (“Totumen”), incluído na já referida oração a “Amon-Ra-Harmakhis”, sobre o qual tinha sido o próprio Pica a pedir explicações ao correspondente português numa carta de 10 de maio de 1895 e num postal de 28 de julho de 1895 (Castro 2016, 311-316). (Rei 2017: 110)

¹⁸ Ver <http://tecop.addition.pt/np4/esteves.html> (consultado a 28 de março de 2021).

A validação e credibilização de uma escolha lexical do poeta por aquele que é considerado um dos fundadores da egiptologia (Almeida 2017: 90) confere verosimilhança histórica e autoridade ao testemunho literário. Em Portugal, a institucionalização da disciplina foi mais tardia, com o final do século XIX e os princípios do século XX a conhecerem trabalhos isolados em que o estudo do antigo Egito servia, muitas vezes, como fonte, recurso ou pretexto para abordar outras temáticas, como a história comparada das religiões antigas ou cadeias e processos de transmissão textual (ver Almeida 2017; 2021). Não havia, por isso, autoridades nacionais na matéria junto de quem Castro pudesse aconselhar-se.

4.2. Das terras de Jerusalém: Teófilo Braga e Joaquim Mendes dos Remédios

Para além dos estudos feitos no âmbito curricular do Curso Superior de Letras, é plausível que Eugénio de Castro tenha consolidado os seus conhecimentos de teologia, do cânone bíblico e da tradição hebraica com Joaquim Mendes dos Remédios, professor de língua hebraica na Faculdade de Teologia da Universidade de Coimbra, antes de, em 1911, este ser integrado no corpo docente da Faculdade de Letras de Coimbra, onde juntamente com Castro ocupou a secção de Filologia Românica a partir de 1914.

Antes de Mendes dos Remédios, algumas das primeiras incursões pelo texto bíblico e pelo universo hebraico terão sido proporcionadas no Curso Superior de Letras através das lições de Teófilo Braga. Tanto Eugénio de Castro¹⁹ como Mendes dos Remédios se corresponderam com o também poeta e professor de Filologia Comparada e Literatura Moderna. Do copioso epistolário de Teófilo Braga preservado no Arquivo Regional de Ponta Delgada, assinala-se a existência de um bilhete-postal, datado de 24 de junho de 1894, que Castro remeteu a Teófilo, solicitando-lhe informações sobre a forma poética do vilancete (a qual experimentaria n’*O Instituto* de 1895), bem como uma carta, de 19 de fevereiro de 1895, em que refere a possibilidade de adaptar *Belkiss* para o palco²⁰. O início da troca epistolar entre Castro e Braga remonta a 1886, ou seja, à época do Curso Superior de Letras, e manteve-se, pelo menos, até à década de 1910. Afirma Teófilo, na sua “Autobiographia mental de um pensador isolado”, que “[u]m dos processos mais sugestivos, e em que prepondera a vista philosophica[,] é o da geração dos *Symbolos*, que como uma mais pittoresca linguagem se tornam universalmente entendidos” (1902: xi). E, conforme defendera no texto prefaciador de *Visão dos Tempos*, “[o] Oriente é o berço do symbolismo, tanto em religião como em poesia” (1869: xxiv). Nesta declaração do Oriente como berço, sobretudo civilizacional, encontra-se o espírito que animara Edgar Quinet a proclamar, em *Le Génie des religions* (1842), um “renascimento oriental” e a identificar o épico de Camões como inaugurador da abertura da imaginação europeia a esse espaço sem limites geográficos fixos, o Oriente.

Desconhece-se o grau de familiaridade de Castro com a obra poética de Teófilo, que logo em 1864 publicou *Visão dos Tempos* e *Tempestades Sonoras*, que constituem duas partes de um mesmo projeto poético, ancorado em indagações em torno das poesias grega, hebraica e cristã, bem como do lirismo bíblico e romano ou da Índia clássica. A atmosfera orientalista que se deteta já nesses seus versos resulta de uma erudição livresca que, porém, não convenceu críticos como Manuel Pinheiro Chagas (1854: 379). A primeira coletânea abunda em tipos femininos e nela en-

¹⁹ Em *Arte: revista internacional*, publicou-se alguma da correspondência trocada entre Teófilo Braga e Eugénio de Castro (1895-1896: 76-78).

²⁰ Estas epístolas são aqui referenciadas a partir da consulta em linha do catálogo dos Arquivos Regionais dos Açores (<https://arquivos.azores.gov.pt>).

contramos, para além das imagens da floresta, da doida e do luar, três alusões ao reino de Sabá, especificamente em “Harpa de Israel – Evangelho da lagrima”. Desse reino provêm perfumes, incenso e mirra. A segunda coletânea, prefaciada com o esboço de uma teoria estética, intenta visitar o ascetismo indiano, com “A perola de Ophir (Drama indiano)”, mas também o povo de Israel e a indolência do harém. Uma década mais tarde, em 1873, e num registo bem diferente, Braga escreve a *Historia das Novellas Portuguezas de Cavalleria. Formação do Amadis de Gaula*, em cujo primeiro capítulo traça as origens da novela, desde a epopeia indiana (*Rigveda, Mahabharata e Ramaiana*) à epopeia persa (*Avesta e Shahnameh*), passando pelas epopeias gregas, escandinavo-germânicas, bretãs e francesas. É de crer que estes tópicos e tradições quer clássicas quer orientais, antecessoras das modernas literaturas europeias, não tenham ficado omissos nas aulas de estudo literário professadas por Braga. A écloga *Tiresias*²¹, que Castro publica em 1895, seria, aliás, dedicada ao professor do Curso Superior de Letras.

Durante a lecionação de Eugénio de Castro na Faculdade de Letras (de 1914 a 1939) – da qual veio a ser diretor entre 1921 e 1924 e, mais tarde, entre 1930 e 1939 –, Castro substituiu, no final dos anos de 1920 e na década de 1930, Mendes dos Remédios no ensino da língua e da literatura italianas, e foi por seu intermédio que Mendes dos Remédios travou conhecimento com Miguel de Unamuno (Carvalho 2015: 27). Sócios efetivos do Instituto de Coimbra, Mendes dos Remédios desde 1892 e Castro desde 1894²², existe correspondência entre ambos no epistolário patente na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, mas datando apenas de 1909 e 1929²³; essa correspondência revela, contudo, familiaridade entre os interlocutores e troca de materiais, como traduções. O teólogo não terá sido indiferente à obra do amigo Eugénio de Castro; com efeito, as suas áreas de investigação científica intersetam-se com os temas e *topoi* cultivados pelo poeta.

No número de janeiro de 1895 da revista coimbrã *O Instituto*, o consócio e académico Mendes dos Remédios dava à estampa um artigo sobre “Bilquês” dedicado, como se diz no subtítulo parentético, “a Eugenio de Castro, a proposito do seu formoso livro *Belkiss, Rainha de Sabá, de Axum e do Hymiar*”. Neste artigo, e evocando nomes de reputados orientalistas como o sanscritista alemão Max Müller (1823-1900) ou o arabista francês Albin de Kazimirski (1808-1887), Mendes dos Remédios revisita o discurso da história e da tradição bíblica para expor os argumentos envolvidos na discussão sobre qual a origem matricial da rainha de Sabá, se a Etiópia, se a Arábia, mostrando-se mais inclinado para a última hipótese, como o nome no título do seu artigo indica. No caso de *Belkiss*, como sugere o epíteto da rainha do poema de Castro e como assinalado por Maria de Jesus Cabral, o esteta “soube criar uma figura caracterizada por um peculiar sincretismo entre a rainha de Sabá da tradição judaico-cristã [...] e a *Bilqis* de matriz islâmica” (2016: viii;

²¹ As cartas trocadas entre António Feijó (1859-1917) e Luís de Magalhães (1859-1935) revelam a opinião pouco favorável de Feijó à poesia de Eugénio de Castro, cujas influências intertextuais o poeta parnasiano interpreta como falta de originalidade. A propósito de *Tiresias*, identifica uma influência inglesa – a do poeta britânico Alfred Tennyson (1809-1892) – de que a crítica ainda não se ocupou: “O nosso Eugénio de Castro *surriprou* o *Terésias* ao Tennyson [...], precisamente o título com que o Tennyson abre a parte do livro onde vem o *Terésias – Tirésias e outros poemas* [*Tiresias and Other Poems*, 1885]. Que grande pândego!” (2004: 352-353; ênfase do original).

²² Vasconcelos Abreu era correspondente nacional desta instituição desde 1883 e Esteves Pereira tornou-se correspondente a partir de 1901.

²³ Agradeço a Licínia Ferreira a intermediação no acesso às cartas de Mendes dos Remédios a Eugénio de Castro.

ver também 2019: 153). À exceção do subtítulo do estudo, a única menção, ainda que indireta, de Mendes dos Remédios à obra de Castro resume-se à sugestão de que o historiador judeu Flávio Josefo possa ter sido a sua fonte, “a mais interessante, a mais poetica, a mais suggestiva e, portanto, aquella que mais podia ferir uma alma de artista” (1895: 26). A mesma fonte terá possivelmente servido de base a Castro para a sua reescrita poética de Salomé.

O professor de Coimbra correspondia-se, entre outros, com o judeu sefardita Joseph Benoliel (1857-1937), com quem Eugénio de Castro poderá ter chegado a cruzar-se nos corredores do Curso Superior Letras, pouco antes de Benoliel começar a lecionar o curso livre de Hebraico em 1888. Ainda no ano de 1895, Mendes dos Remédios publicava o primeiro volume de *Os Judeus em Portugal*, em que, à semelhança dos seus pares, usa a literatura portuguesa como fonte para rastrear essa presença. Esse primeiro volume ficou pelo reinado de D. Manuel e foi dado à estampa ao mesmo tempo que *Sagramor*, coletânea em que desfilam várias mulheres do Oriente antigo – desde a rainha de Sabá a Cleópatra – e as quais não eram mais novidade na obra poética de Castro. O segundo volume de *Os Judeus em Portugal* apareceria anos depois, em 1928, data da fundação e lançamento do único número da *Revista de Estudos Hebraicos*. No primeiro volume, é importante notar a citação, no parágrafo de abertura, da obra de Maspero, cuja ressonância entre os orientalistas portugueses parece ser inegável.

Notas conclusivas

O Oriente na obra poética finissecular de Eugénio de Castro serviu fundamentalmente como meio para cumprir um programa estético. No exercício de emanação e esteticização do saber adquirido sobre o Oriente antigo, alguma da obra de Castro constitui-se como capital simbólico orientalista, fazendo de Eugénio de Castro um cultor do orientalismo literário em língua portuguesa. Pela sua relação erudita – científica ou livresca – com o imaginário do Oriente, o escritor acabou por não ser um orientalista acidental, porque procurou através dele participar numa modernidade poética. Num quadro social e cultural mais amplo, foi coadjuvado por redes de colaboração interpessoais diretas: seja a ilustrada pela relação de aluno-mestre com Guilherme de Vasconcelos Abreu, seja a mais próxima e prolongada no tempo mantida com Teófilo Braga ou Mendes dos Remédios; ou por redes de colaboração passiva, como a exemplificada pela plausível relação com o trabalho cimentado por Esteves Pereira. Este *arrière-texte* orientalista sustenta, portanto, a ideia de orientalismo literário como um sistema de inter-relações entre indivíduos e instituições, quer científicas quer culturais. Neste sentido, o orientalismo constitui-se como prática literária ancorada em colaborações institucionais, interpessoais e discursivas de natureza vária, que sobrevivem de relações de inter e transtextualidade, tanto manifestas como latentes, que cabe ao leitor reconstituir e interpretar.

REFERÊNCIAS

A. Primárias

Arquivo Histórico da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Curso Superior de Letras, cx. 6, cap. 1, “Livro de matriculas tomo 3.º”; cx. 8, cap. 4, “Livro dos termos dos exames dos alumnos do Curso Superior de Letras”.

Arquivos Regionais dos Açores, Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, Arquivo Teófilo Braga, APTB/Cx234/037 e APTB/Cx234/046.

Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa, Coleção Esteves Pereira, em particular 13.28.5.

Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, Epistolário de Eugénio de Castro, Ms. EC, cx. 16.

Castro, Eugénio de (1895), *Vilancete*, in *Instituto*, 42 (02 jan.), p. 82.

- Castro, Eugénio de (2001), *Salomé*, in Paula Morão (ed.), *Salomé e outros Mitos. O feminino perverso em poetas portugueses entre o fim-de-século e Orpheu*, Lisboa, Edições Cosmos, pp. 107-114.
- Castro, Eugénio de (2016), *Belkiss. Rainha de Sabá, de Axum e do Himiar*, edição crítica e tradução italiana de Matteo Rei, [s.l.], Edizioni dell'Orso.
- Castro, Eugénio de (2019), *Belkiss. Rainha de Sabá, de Axum e do Himiar (poema dramático em prosa)*, edição de Maria de Jesus Cabral e Bruno Anselmi Matangrano, Rio de Janeiro, Vermelho Marinho.
- Castro, Eugénio de, trad. (1885), *Intermezzo (Henri Heine)*, in *Instituto*, 32, p. 258.

B. Secundárias

- [Academia das Ciências de Lisboa] (1927), *Sessão de 25 de Janeiro de 1923*, in *Boletim da Segunda Classe*, XVII, pp. 12-16.
- Almeida, Catarina Apolinário de (2017), “O Naufrago. Conto Egypcio.” *Um estudo de Esteves Pereira nas primícias da egiptologia*, in Catarina Nunes de Almeida e Marta Pacheco Pinto (org.), *O Oriente em Tradução. Línguas, literaturas e culturas asiáticas no espaço luso*, V.N. Famalicão, Húmus, pp. 89-112.
- Almeida, Catarina Apolinário de (2021), *Abba Samuel and Abba Daniel: Coptic Lives Illuminated by Esteves Pereira's Translations from Ge'ez*, in Marta Pacheco Pinto e Catarina Apolinário de Almeida (eds), *Portuguese Orientalism: The Interplay of Power, Representation and Dialogue in the Nineteenth and Twentieth Centuries*, Brighton, Chicago e Toronto, Sussex Academic Press, pp. 181-199.
- Álvarez, Eloísa, e Antonio Saéz Delgado, eds (2006), *Eugénio de Castro y la cultura hispánica: epistolario (1877-1943)*, Mérida, Editora Regional de Extremadura.
- Boavida, Isabel (2006), *As sandálias simbolistas da Rainha de Sabá: Belkiss de Eugénio de Castro*, in *Faces de Eva*, 16, pp. 29-51.
- Braga, Duarte D. (2014), *O Oriente do Oriente. Transformações do Orientalismo em poesia portuguesa do início do século XX. Camilo Pessanha, Alberto Osório de Castro e Álvaro de Campos*, tese de doutoramento, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Disponível em <http://hdl.handle.net/10451/11690>.
- Braga, Duarte D. (2019), *As Índias Espirituais: Fernando Pessoa e o orientalismo português*, Lisboa, Tinta-da-China.
- Braga, Teófilo (1869), *Generalização da historia da poesia*, in *Visão dos Tempos*, 2.^a edição correta e aumentada, Porto e Braga, Livraria Internacional, pp. vii-xxvii. Disponível em <https://archive.org/details/vi-sodostempos00braggoog/>.
- Braga, Teófilo (1864), *Parte esthetica*, in *Tempestades Sonoras*, Porto, Em Casa da Viúva Moré – Editora, pp. vii-xxx.
- Braga, Teófilo (1873), *Historia das Novellas Portuguezas de Cavalleria. Formação do Amadis de Gaula*, Porto, Imprensa Portugueza.
- Braga, Teófilo (1884), *Systema de Sociologia*, Lisboa, Typographia Castro Irmão.
- Braga, Teófilo (1895-1896), *Carta a Eugenio de Castro*, in *Arte: revista internacional*, I, p. 76.
- Braga, Teófilo (1902), *Autobiographia mental de um pensador isolado*, in *Quarenta Annos de Vida Litteraria (1860-1900)*, Lisboa, Typographia Lusitana-Editora Arthur Brandão, pp. v-lxv.
- Buescu, Maria Leonor (1997), *O exotismo ou a estética do diverso na literatura portuguesa*, in Ana Margarida Falcão, Maria Teresa Nascimento e Maria Luísa Leal (org.), *Literatura de Viagem. Narrativa, história, mito*, Lisboa, Edições Cosmos, pp. 565-578.
- Cabral, Maria de Jesus (2010), “Uma grande sombra que sente e se não vê”: *Belkiss nos trilhos da literatura dramática simbolista*, in *Máthesis*, 19, pp. 77-95.
- Cabral, Maria de Jesus (2016), *Prefácio*, in Matteo Rei (ed. crítica e tradução italiana), *Belkiss. Rainha de Sabá, de Axum e do Himiar*, [s.l.], Edizioni dell'Orso, pp. vii-xiv.
- Cabral, Maria de Jesus (2019), *Posfácio: Belkiss, tragédia finissecular*, in Maria de Jesus Cabral e Bruno Anselmi Matangrano (eds), *Belkiss. Rainha de Sabá, de Axum e do Himiar (poema dramático em prosa)*, de Eugénio de Castro, Rio de Janeiro, Vermelho Marinho, pp. 149-162.
- Cabral, Maria de Jesus, João Domingues e Maria Hermínia Laurel, trad. (2016), *Prefácio*, in *O Arrière-Texte. Para repensar o literário*, de Marie-Madeleine Gladieu, Jean-Michel Pottier e Alain Trouvé, Ramada, Edições Pedagogo, pp. 9-14.
- Catroga, Fernando (1999), *A História começou a Oriente*, in Ana Maria Rodrigues (coord.), *O Orientalismo*

- em Portugal: séculos XVI–XX, Lisboa, INAPA/Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, pp. 197-233.
- Carvalho, Paulo Archer de (2015), *Uma Autobiografia da Razão. A matriz filosófica da historiografia da cultura*, Coimbra, Imprensa da Universidade.
- Chagas, Manuel Pinheiro (1864), *Dois livros: Camões por Antonio Feliciano de Castilho, 3 volumes 2.ª edição; Tempestades Sonoras por Theophilo Braga, 1 volume*, in *Revista Contemporanea de Portugal e Brazil*, V (7, out.), pp. 369-380.
- Dalgado, Sebastião Rodolfo (1919), *Glossário Luso-Asiático*, Coimbra, Imprensa da Universidade.
- Dottin-Orsini, Mireille (1988), *Salomé (appelée aussi Hérodiade ou Hérodiades)*, in Pierre Brunel (dir.), *Dictionnaire des mythes littéraires*, Paris, Éditions du Rocher/Jean-Paul Bertrand, pp. 1176-1187.
- Feijó, António (2004), *Cartas a Luís de Magalhães*, vol. I, apresentação, transcrição e notas de Rui Feijó, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Genova, Pamela A. (2016), *Writing Japonisme. Aesthetic Translation in Nineteenth-Century French Prose*, Evanston, IL, Northwestern University Press.
- Kabbani, Rana (2008 [1986]), *Imperial Fictions. Europe's Myths of Orient*, Londres, São Francisco e Beirute, SAQI.
- Lewis, Reina (2005 [1996]), *Gendering Orientalism – Race, Femininity and Representation*, Londres e Nova Iorque, Routledge.
- Lima, Isabel Pires de (1999), *O orientalismo na literatura portuguesa (séculos XIX e XX)*, in Ana Maria Rodrigues (coord.), *O Orientalismo em Portugal: séculos XVI-XX*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses/Edições INAPA, pp. 145-195.
- Litré, Émile (1874), *La Philosophie positive en Portugal*, in *La Philosophie positive*, XIII (jul.-dez.), pp. 149-150. Disponível em <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k778845>.
- Lopes, Óscar (1987), *O exotismo: Alberto Osório de Castro, Wenceslau de Moraes*, in *Entre Fialho e Nemésio. Estudos de literatura portuguesa contemporânea*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 138-158.
- Lowe, Lisa (1991), *Critical Terrains: French and British Orientalisms*, Ithaca and London, Cornell University Press.
- Machado, Everton V. (2018), *O Orientalismo Português e as Jornadas de Tomás Ribeiro. Caracterização de um problema*, Lisboa, Biblioteca Nacional.
- Matangrano, Bruno Anselmi (2019), *Eugénio de Castro e o melhor do teatro simbolista português*, in Maria de Jesus Cabral e Bruno Anselmi Matangrano (eds), *Belkiss. Rainha de Sabá, de Axum e do Himiar (poema dramático em prosa)*, de Eugénio de Castro, Rio de Janeiro, Vermelho Marinho, pp. 7-10.
- Marnoto, Rita (2009), *Eugénio de Castro entre simbolismo e futurismo*, in *Biblos*, VII, pp. 347-360.
- McGetchin, Douglas (2009), *Indology, Indomania, Orientalism: Ancient India's Rebirth in Modern Germany*, Madison, Fairleigh Dickinson University Press.
- Mendes, Oscar (1944), *Letras portuguesas e americanas*, in *Revista Brasileira*, 11 (out., ano IV), pp. 87-89. Disponível em http://memoria.bn.br/pdf/139955/per139955_1944_00011.pdf.
- Mochila, Miguel ([2021]), *A (De)construction of Modern Literary Iberia: Translating Eugénio de Castro*, in Esther Gimeno Ugalde, Marta Pacheco Pinto e Ângela Fernandes (eds), *Iberian and Translation Studies: Literary Contact Zones*, Liverpool, Liverpool University Press. [no prelo]
- Morão, Paula (2001), *Salomé e outros Mitos. O feminino perverso em poetas portugueses entre o fim-de-século e Orpheu. Ensaio e antologia*, Lisboa, Edições Cosmos.
- Oxfeldt, Elisabeth (2002), *Orientalism on the Periphery: The Cosmopolitan Imagination in Nineteenth-Century Danish and Norwegian Literature and Culture*, tese de doutoramento, Berkeley, University of California.
- Pal-Lapinski, Piya (2005), *Designing/Desiring the Exoticized Woman*, in *The Exotic Woman in Nineteenth-Century British Fiction and Culture – A Reconsideration*, Hampshire e Durham, Hanover e Londres, University of New Hampshire Press/University of New England, pp. 1-34.
- Pedroso, Zófimo Consiglieri (1898), *Influencia dos Descobrimientos Portuguezes na Historia da Civilização*, IV Centenário da Índia, Lisboa, A Liberal.
- Pereira, Francisco Maria Esteves, trad. (1888), *História de Minás Además Sagad, Rei da Ethiopia*, anotações de F.M. Esteves Pereira, sep. *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, 12 (7.ª serie, 1887),

- Lisboa, Imprensa Nacional. Disponível em <https://archive.org/details/historiademins00este>.
- Pereira, Francisco Maria Esteves (1915), *O anel de Policrates*, in *Boletim da Segunda Classe*, IX (2, jan.-jul.), pp. 475-494.
- Pereira, José Carlos Seabra (1975), *Decadentismo e Simbolismo na Poesia Portuguesa*, Coimbra, Centro de Estudos Românicos.
- Pereira, José Carlos Seabra (1995), *História Crítica da Literatura Portuguesa: do fim-de-século ao modernismo*, vol. 7, Lisboa, Verbo.
- Pereira, José Carlos Seabra, e Maria de Jesus Cabral (2012), *Capere, Non Capi: Eugénio de Castro no contexto da “Internacional Simbolista”*, in *Carnets*, 4 (n.º especial), pp. 263-273, <https://journals.openedition.org/carnets/7816>.
- Pinto, Marta Pacheco (2013), *Traduzir o Outro Oriental: a configuração da figura feminina na literatura portuguesa finissecular (António Feijó e Wenceslau de Moraes)*, tese de doutoramento, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Disponível em <http://hdl.handle.net/10451/8873>.
- Porfírio, José Luís (1999), *Fragmentos em torno de um perfumador árabe. Orientalismos nas artes plásticas em Portugal (1800-1918)*, in Ana Maria Rodrigues (coord.), *O Orientalismo em Portugal: séculos XVI-XX*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses/Edições INAPA, pp. 127-143.
- Rabault-Feuerhahn, Pascale (2012), “*La science la robe au vent*”. *Le congrès international des orientalistes et la disciplinarisation des études orientales*, in *Dossiers d’HEL*, 5, pp. 1-16.
- Ramos, Manuela Delgado Leão (2001), *António Feijó e Camilo Pessanha no Panorama do Orientalismo Português*, Lisboa, Fundação Oriente.
- Rei, Matteo (2017), *Belkiss: Eugénio de Castro e o fascínio do Oriente antigo*, in Catarina Nunes de Almeida e Marta Pacheco Pinto (org.), *O Oriente em Tradução. Línguas, literaturas e culturas asiáticas no espaço luso*, V.N. Famalicão, Húmus, pp. 103-116.
- Rei, Matteo (2016), *Studio introduttivo*, in Matteo Rei (ed. crítica e tradução italiana), *Belkiss. Rainha de Sabá, de Axum e do Himiar*, [s.l.], Edizioni dell’Orso, pp. 3-49.
- Remédios, Joaquim Mendes (1895 e 1928), *Os Judeus em Portugal*, 2 vols., Coimbra, F. França Amado.
- Remédios, Joaquim Mendes (1895), *Bilquís*, in *Instituto*, 42 (02 jan.), pp. 24-39.
- Remédios, Joaquim Mendes (1914), *História da Literatura Portuguesa*, 4.ª edição, Coimbra, F. França Amado.
- Rudd, Andrew (2007), “*Oriental*” and “*Orientalist*” Poetry: *The Debate in Literary Criticism in the Romantic Period*, in *Romanticism*, 13, pp. 53-62.
- Said, Edward (2004), *Orientalismo*, tradução de Pedro Serra, Lisboa, Cotovia.
- Vasconcelos Abreu, Guilherme de (1878), *Importancia Capital do Saṁskrito como Base da Glottologia Árica e da Glottologia Árica no Ensino Superior das Letras e da Historia*, Lisboa, Imprensa Nacional. Disponível em <http://purl.pt/32562>.
- Vasconcelos Abreu, Guilherme de (1887), *Programa para o Estudo do Sâmscrito Clássico*, Lisboa, Imprensa Nacional. Disponível em <http://purl.pt/32583>.
- Vasconcelos Abreu, Guilherme de. 1887. *O Critério Nomológico: capítulos de um livro inédito. Lições feitas no Curso Superior de Letras acerca de dados antropológicos na ciência da linguagem*, Lisboa, Tipografia de Eduardo Roza. Disponível em <http://purl.pt/32564>.
- Vasconcelos Abreu, Guilherme de (1889), *Exercícios e Primeiras Leituras de Sâmscrito*, tomo I, Lisboa, Imprensa Nacional. Disponível em <http://purl.pt/32620>.
- Vasconcelos Abreu, Guilherme de (1898), *Chand-Bibi: a sultana branca de Amenagara. Lenda indiana fantasiada da tradição histórica do século XVI*, Lisboa, Livraria de Antonio Maria Pereira. Disponível em <http://purl.pt/32558>.
- Vasconcelos Abreu, Guilherme de (2019 [1874]), *Exposição feita perante os membros da comissão nacional portuguesa do Congresso Internacional dos Orientalistas convocados para constituírem uma Associação Promotora dos Estudos Orientais e Glóticos em Portugal*, in Marta Pacheco Pinto (coord.), *A Participação Portuguesa nos Congressos Internacionais de Orientalistas (1873-1973). Textos e Contextos*, [V.N. Famalicão], Húmus, pp. 168-174.
- Vicente, Filipa Lowndes, e Ana Rita Amaral, eds (2019), *Literatura e Orientalismo: cartas de escritores portugueses a Angelo de Gubernatis (1877-1912)*, Lisboa, Tinta-da-China.

Vieira, Dr. Fr. Domingos (1873), *Grande Dicionario Portuguez; ou Thesouro da Lingua Portugueza*, vol. IV, Porto, Editores Ernesto Chardron e Bartholomeu H. de Moraes.

Wilde, Oscar (2011), *Salomé*, tradução do original francês e apresentação de Aníbal Fernandes, Lisboa, Assírio & Alvim.

MARTA PACHECO PINTO • Assistant Professor at the School of Arts and Humanities of the University of Lisbon and research fellow at the Centre for Comparative Studies, where she coordinates the projects *Moving Bodies: Circulations, Narratives and Archives in Translation* and *Texts and Contexts of Portuguese Orientalism: International Congresses of Orientalists (1873-1973)*, funded by the Portuguese research council (FCT) in 2016-19. She has recently coedited *Genetic Translation Studies: Conflict and Collaboration in Liminal Spaces* (Bloomsbury, 2021) and *Portuguese Orientalism: The Interplay of Power, Representation and Dialogue in the Nineteenth and Twentieth Centuries* (Sussex Academic Press, 2021).

E-MAIL • mpinto@letras.ulisboa.pt